

De Punta Porã a Ponta Porã: a toponímia em contato com a mudança linguística motivada pela história social

Suely Aparecida Cazarotto*

Resumo: Este estudo aborda um processo de mudança linguística motivado pelo movimento histórico-social instaurado em duas nações, Brasil e Paraguai. Trata-se da observação do topônimo “Ponta Porã”, nome de um município localizado ao sul do estado de Mato Grosso do Sul, Brasil, que, antes da Guerra do Paraguai (1864-1870), denominava-se “Punta Porã” e estava localizado em território paraguaio. Percebe-se neste estudo que, mesmo que a língua tenha a sua organização, regras internas e um sistema dinâmico em busca de permanente equilíbrio, “circunstâncias históricas, mudanças sociais e políticas podem também condicionar a mudança linguística” (CARDERA, 2006, p. 14). Assim, apoiando-nos em leituras específicas acerca do percurso histórico dessa localidade (Ponta Porã), pudemos perceber que fatores sócio-históricos, mais particularmente a Guerra do Paraguai, foram determinantes para a mudança linguística ocorrida no topônimo em estudo, confirmando que as mudanças que se operam na língua partem das mudanças que ocorrem na história do homem.

Palavras-chave: Toponímia. Punta Porã/Ponta Porã. Mudança linguística. Fatores sócio-históricos.

Abstract: *This study presents a process of linguistic change brought by a socio-historical movement established in two nations, Brazil and Paraguay. It is the observation of the toponymy "Ponta Porã", name of the city located south of Mato Grosso do Sul, Brazil, that, before the Paraguayan War (1864-1870) was denominated "Punta Porã" and was located in Paraguayan territory. It can be seen in this study that even if the language has its organization, internal rules and a dynamic system in search of permanent balance, "historical circumstances, social and political changes may also require that linguistic change" (CARDERA, 2006, p. 14) and therefore relying on specific readings in order to analyze the course of this location's (Ponta Porã) history, we realize that socio-historical factors, more particularly the Paraguayan War,*

*Doutoranda em Letras – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS – Campus de Três Lagoas. Bolsista da FUNDECT. E-mail: suely.cazarotto@hotmail.com

were determinant to the linguistic change that occurred in toponymy study, confirming that the changes that operate in the language depart of the changes that occur in human history.

Keywords: *Toponymy. Punta Porã/Ponta Porã. Linguistic change. Socio-historical factors.*

A língua é um produto social, é uma atividade do espírito humano. Não é, assim, independente da vontade do homem, porque o homem não é uma folha seca ao sabor dos ventos veementes de uma fatalidade desconhecida e cega. Não está obrigado a prosseguir na sua trajetória, de acordo com leis determinadas, porque as línguas seguem o destino dos que a falam, são o que delas fazem as sociedades que as empregam (SILVA NETTO, 1986, p. 18).

Introdução

No processo de mudança linguística interagem dois processos condicionantes: um interno à própria língua, inerente ao sistema linguístico, e um externo, ou extralinguístico. Ou seja, ainda que a língua tenha sua própria organização, um sistema dinâmico em busca de permanente equilíbrio, “circunstâncias históricas, mudanças sociais ou políticas podem também condicionar a mudança linguística” (CARDERA, 2006, p. 14). Com isso, e ainda de acordo com a mesma autora (2006, p.14), “a língua não muda porque se verificaram modificações na estrutura da sociedade, mas uma mudança no sistema social pode ser terreno propício para mudanças no sistema linguístico”.

Assim, reconhecendo-se os fatores sociais como facilitadores da mudança linguística, destaca-se o contato entre os falantes como uma possibilidade relevante para a ocorrência dessa mudança, o que, segundo Silva Neto (1986, p. 184), é “o fator responsável pelo desenvolvimento e evolução das sociedades” (*o contato*), uma vez que, “ele traz consigo, vindos de fora, diferentes pontos de vista, diferentes ideias, diferentes atitudes. É, em suma, o responsável pela mudança cultural”.

Labov (1994, *apud* RIBEIRO; LACERDA, 2013, p. 93) ratifica a assertiva de Silva Neto sobre a relevância do contato entre os falantes a fim de

caracterizar a mudança linguística, quando ressalta que “na relação entre contato e mudança, quanto maior é a frequência de contato entre os falantes, maior é a expansão da mudança”. Ainda em se tratando de mudança linguística, tem-se que,

[...] ao longo do seu tempo histórico, as línguas mudam: há mudanças fônicas, mórficas, sintáticas e léxico-semânticas. Contudo, a história de uma língua, como a história dos homens, como disse Michel Foucault, ‘não é uma duração: é uma multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros’ (2000 [1972]: p. 293 *apud* SILVA, 2008, p. 41).

Tratando sobre a história da Língua Portuguesa, mais particularmente sobre suas mudanças, citamos como precursor Serafim da Silva Neto, com sua obra *História da língua portuguesa*, que é publicada, primeiro em fascículos, para depois, em 1952, tornar-se livro (SILVA, 2008, p. 46). E também, de acordo com a mesma autora, Serafim da Silva Neto, nas páginas introdutórias de sua obra, busca teorizar sobre a mudança da língua e, por fim, afirma que:

A história de uma língua não é um esquema rigorosamente pré-estabelecido, não é um problema algébrico. Não se pode partir do latim e chegar diretamente aos dias de hoje, saltando por sobre vários séculos de palpitante vida... A evolução é complexa e melindrosa, relacionada com mil acidentes... uma atividade em perpétuo movimento (SILVA NETO, 1952, p. 52 *apud* SILVA, 2008, p. 46).

Concernente ao patrimônio lexical de uma comunidade, vale considerar que, a partir dele, podemos obter elementos para a leitura da sociedade. Desse modo, por meio desse estudo, podem ser observadas mudanças ocorridas na língua, dado que investigar uma língua é também investigar as tendências reveladas pelos diferentes momentos históricos, porque o sistema linguístico, sobretudo no nível lexical, pode evidenciar as expectativas e o pensamento de um grupo social inserido em um ambiente físico. Ou seja, o estudo da língua de um grupo possibilita, também, o estudo da cultura local e a compreensão da relação do homem com o mundo que o cerca.

Nessa perspectiva, pode-se entender o léxico como um importante meio de identidade de que dispõe uma população e, por essa razão, ocupa um lugar de destaque na cultura de um povo. Como argumenta Biderman (1998, p. 91-92),

[...] o léxico de uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos referentes, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao identificar

semelhanças e, inversamente, discriminar os traços distintivos que individualizam esses referentes em entidades distintas, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas.

Considerando-se o ato de nomear, realizado pelo homem, e para o qual o denominador utiliza-se do léxico geral de uma sociedade, obtém-se o produto da nomeação, o nome próprio, que é objeto de estudo da *Onomástica* – ciência que estuda os nomes próprios em geral e que se biparte em duas áreas de investigação: a *Antroponímia* (estudo dos nomes próprios de pessoas) e a *Toponímia* (estudo dos nomes próprios de lugares).

Desse modo, reportando-nos mais particularmente à Toponímia, cabe registrar que os estudos toponímicos mostram que a "nomeação dos lugares sempre foi atividade exercida pelo homem" (DICK, 1990, p. 5), e é notório como o nome de um lugar expressa a manifestação de um povo, de uma memória, de fatores geográficos e históricos. Logo, o sentido dos denominativos – a motivação apresentada pelo nome - é o ponto de partida para investigações, quando se procura a compreensão da mentalidade do denominador – da relação do nome com o pensamento do denominador no momento do batismo do lugar. E mais, conforme a época ou período em que houve esse “batismo”, é possível notar tendências culturais presentes nas manifestações linguísticas.

Portanto, mediante todo o exposto, pode-se afirmar que a Toponímia, o ramo da Linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios de lugares, está sujeita também às variações que a língua pode apresentar ao longo dos tempos.

Neste trabalho, sob uma perspectiva de mudança linguística, abordamos o topônimo *Punta Porã*, nome de um município localizado ao sul do Estado de Mato Grosso do Sul que, na década de 1860, foi palco de um momento marcante da história do Brasil, a Guerra do Paraguai¹, e que passou de *Punta Porã* a *Ponta Porã*. Antes da Guerra essa localidade era território paraguaio e,

¹ “A Guerra do Paraguai foi o maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul, no século XIX, e destruiu a economia e a população paraguaias. É também chamada Guerra da Tríplice Aliança (*Guerra de la Triple Alianza*) na Argentina e Uruguai e de *Guerra Grande*, no Paraguai. A Guerra do Paraguai durou seis anos. Teve seu início em dezembro de 1864 e só chegou ao fim no ano de 1870, com a morte de Francisco Solano Lopes, em Cerro Corá”. Texto disponível em <http://www.sohistoria.com.br/ef2/guerraparaguai> Acesso em 10/03/2015

depois desse conflito bélico, brasileiro. Portanto, nesse particular, observa-se uma mudança linguística decorrente da história social, um episódio marcante que envolveu, numa mesma época, dois países, Brasil e Paraguai.

Considerando o exposto, este trabalho tem como objetivo analisar o topônimo Ponta Porã sob a perspectiva da mudança linguística e da sua relação com a história das sociedades que o envolvem.

Trata-se de um estudo pautado também em literatura específica nas áreas da Linguística, mais especificamente na Toponímia, e da História do Brasil e do Paraguai que fundamentam com informações históricas os caminhos trilhados pelo topônimo “Ponta Porã”, nome de um município brasileiro, situado no território sul-mato-grossense, e que, antes da Guerra do Paraguai (1864-1870), pertencia ao Paraguai e se denominava “Punta Porã”.

1. Investigando a história

O topônimo Ponta Porã, na atualidade, é o nome de um município sul-mato-grossense, em território brasileiro, mas a história nos mostra que nem sempre foi assim. A obra *A la sombra de los perobales*, de Sacha Aníbal Cardona Benítez (2008), às páginas 16-18, no capítulo intitulado *Punta Porã. Un nombre singular*, registra: “con dicha denominación se conocía en el siglo XIX y principios del XX el área ubicada en la cima de la cordillera, donde nutridos convoyes y arias tenían su apostadero en el que llamaban Paraje Punta Porã, y luego Poblado de Punta Porã”² e, ainda,

[...] acerca de la denominación que cobró relevancia en el siglo XIX Don Apolonio Giménez Benítez, estudioso del pasado de ésta región, en entrevista a la Revista “Memorias de la frontera” en 1995, suma más un importante razonamiento sobre la particularidad de la denominación: ‘Hay una característica especial en todo paraguay, que es la de combinar el guaraní con el castellano, para nombrar cosas, objetos, hacer declaraciones de amor etc, así tenemos, por ejemplo, Puente Kyhja, Oka’i Puente, Cabeceira Jobá, en fin una serie de nombres en guaraní y castellano que se encajan perfectamente. Y de aquí que Punta Porã, también es una característica del paraguay’ (2.35)³ (BENÍTEZ, 2008, p. 17-19).

² “Por esse nome era conhecido no século XIX e começo do século XX a área localizada no topo da cordilheira, onde nutridos comboios e viajantes solitários tinham seu ponto de parada a que chamavam de Paragem Punta Porã, e logo Povoado de Punta Porã”.

³ “Sobre o nome que se tornou relevante no século XIX Don Apolônio Giménez Benítez, estudioso do passado desta região, em entrevista à revista “Memórias de La frontera” em 1995,

Por conseguinte, a história nos mostra que esse lugar, independente da designação *Punta Porã* ou *Ponta Porã*, teve sua identidade marcada por mudanças sociais e linguísticas.

Em decorrência da Guerra do Paraguai (1864-1870), conflito em que se aliaram Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai, parte do território paraguaio foi perdido para os ‘aliados’ – a chamada ‘Tríplice Aliança’. Inclusive há, na obra *A la sombra de los perobales*, o registro de que:

Se iniciaban los preparativos para el tan esperado momento de dar cumplimiento a lo estipulado en el Tratado Secreto de la Triple Alianza, que iría despojar grandes y ricas áreas de nuestro territorio, al imponernos los límites que habían acordado entre sí al inicio de la contienda (BENÍTEZ, 2008, p. 61).⁴

Foi nesse momento que *Punta Porã*, então localidade pertencente a terras paraguaias, acabou sendo ‘perdida’ para o Brasil, fato que pode ser percebido no relato que segue:

En las semanas que antecedieron a la toma de Cerro Corá, el General Cámara instalado en Villa Concepción, trazo su estrategia de manera que cualquier tentativa de fuga del Mariscal y sus hombres resultaría imposible, pues divididas las fuerzas aliadas en dos columnas marcharían en dirección a Cerro Corá, ocupando sus dos vías de acceso.

El Coronel Bento Martins de Meneses, estaba en el comando de una de ellas, con dos bocas de fuego y algo de infantería.

O’Leary nos brinda la cronología de sus pasos:

‘En la tarde del 20 de febrero partió de Bella Vista, el 24 llegó a Colonia Miranda, el 27 a Dorados, el 1° de marzo a Punta Porã.’(1.41.p200)

En el día en que entre las milenarias rocas de ese anfiteatro natural se libraba la más heroica de las batallas, rubricándose con sangre la página de nuestra historia, en que la patria vieja sucumbía a orillas del Aquidabán, la bandera Imperial Brasileña flameaba a la sombra de los perobales de Punta Porã (BENÍTEZ, 2008, p. 61-62).⁵

acrescenta mais uma razão importante sobre a particularidade da designação: “Há uma característica especial em todo o paraguaio, que é a de combinar o guarani com o castelhano, para nomear coisas, objetos, fazer declarações de amor etc, assim temos, por exemplo, Ponte Kyhja, Oka’i Puente, Cabeceira Jobá, enfim uma série de nomes em guarani e castelhano que se encaixam perfeitamente. E, portanto, Punta Porã, também é uma característica do paraguaio” (2.35).

⁴ “Iniciavam-se os preparativos para o tão esperado momento de dar cumprimento ao estipulado no Tratado Secreto da Tríplice Aliança, que iria despojar grandes e ricas áreas de nosso território, ao imporem os limites que haviam acordado entre si no início da guerra” (BENÍTEZ, 2008, p. 61).

⁵ Nas semanas que antecederam a tomada de Cerro Corá, o General Cámara, instalado em Villa Concepción, traçou sua estratégia de maneira que qualquer tentativa de fuga do Marechal e de seus homens resultaria impossível, pois, divididas as forças aliadas em duas colunas, marchariam em direção a Cerro Corá, ocupando suas duas vias de acesso.

O Coronel Bento Martins de Meneses estava no comando de uma delas, com dois “bocas de fogo” e algo de infantaria.

O’Leary nos brinda com a cronologia de seus passos:

‘Na tarde de 20 de fevereiro partiu de Bella Vista, em 24 chegou a Colônia Miranda, em 27 a Dourados, em 1° de março a Punta Porã.’ (1.41.p200)

Ainda na obra *A la sombra de los perobales*, de Benítez (2008), há um capítulo denominado *Son demarcados los nuevos límites* (p. 66), onde se lê que “A las pérdidas humanas se sumaran las pérdidas territoriales. Era el momento de definir las nuevas fronteras, sobre lo estipulado por el tratado de la Triple Alianza del 1° de mayo de 1865 [...]”⁶.

E o autor sequencia sua narrativa descrevendo o artigo em que se proclamavam essas “conquistas territoriais” pelos países que formavam a Tríplice Aliança, Brasil, Argentina e Uruguai. Eis:

El Imperio del Brasil quedará dividido de la República del Paraguay, en la parte del Paraná, por el primer río después del salto de las sete caídas que según reciente mapa de Mouchez, es el Iguerey, y desde la boca del Iguerey y su curso superior hasta llegar a su nacimiento.

En la parte de la ribera izquierda de Paraguay, por el Río Apa desde su desembocadura hasta su nacimiento.

En el interior, desde la cumbre de la Sierra de Mbaracayú, las vertientes del Este pertenecientes al Brasil, los del Oeste al Paraguay y tirando líneas tan rectas como se puede, de dicha sierra al nacimiento del Apa y del Iguerey (1.63.p05) (ARTIGO 16 – TRATADO DE LA TRIPLE ALIANZA *apud* BENÍTEZ, 2008, p. 66)⁷.

Além do exposto, e ainda por meio de consulta a registros históricos, obtém-se a informação de que, em 7 de agosto, uma Comissão Mista, demarcatória de limites, partiu de Assunção, capital do Paraguai, a bordo do navio “Visconde do Rio Branco”, com destino à desembocadura do rio Apa para dar início aos trabalhos que deveriam realizar-se cordialmente. No entanto,

[...] una vez más la astucia imperial se puso de manifiesto al intentar presentar al Arroyo Estrella, afluente de la margen izquierda del Río Apa, como brazo principal de este río, de manera a utilizar su línea fluvial desde su nacimiento como límite del

No dia em que entre as milenares rochas desse anfiteatro natural se travava a mais heroica das batalhas, escrevendo com sangue a página da nossa história, em que a velha pátria sucumbiu às margens do Aquidabán, a bandeira imperial brasileira tremulou à sombra dos perobais de Punta Porã” (BENÍTEZ, 2008, p. 61-62).

⁶ “As perdas humanas se somam as perdas territoriais. Era o momento de definir as novas fronteiras, estipuladas pelo tratado da Tríplice Aliança, de 1° de maio de 1865 [...]”.

⁷ “O Império do Brasil será dividido na República do Paraguai, na parte do Paraná, para o primeiro rio depois do salto das sete quedas que, de acordo com um mapa recente do Mouchez, é o Iguerey, e da boca do Iguerey e seu curso superior até atingir a sua fonte. Na parte da margem esquerda do Paraguai, pelo Rio Apa desde sua foz até a sua fonte.

No interior, a partir do cume da Serra de Mbaracayú, as encostas a Leste, pertencentes ao Brasil, as de Oeste e traçando linhas tão retas quanto possível, da referida serra à fonte do Apa e do Iguerey” (1.63.p05) (ARTIGO 16 – TRATADO DE LA TRIPLE ALIANZA *apud* BENÍTEZ, 2008, p.66).

Paraguay, y así apoderarse de más una porción de tierra de nuestro territorio (BENÍTEZ, 2008, p. 67).⁸

Ainda registra a história sobre a Guerra do Paraguai que o paraguaio Capitão Ortiz se opôs a essas “ambições brasileiras”, afirmando que o Arroyo Estrella era um simples afluente do rio Apa. Conseqüentemente:

En los años posteriores a la Guerra la movilidad social y las expectativas de mejores condiciones de vida llevó a muchos paraguayos al Mato Grosso. Con la catastrófica derrota, nuevos límites fueron impuestos cumpliéndose lo determinado por el tratado de la Triple Alianza, de esta manera muchos connacionales con ilusiones pasaron a procurar subsistir en esas tierras que a poco pertenecían a su nación, y a la sombra de la bandera imperial empezar la titánica tarea de traer la civilización a una zona de grandes vacíos demográficos, sufriendo a la vez humillaciones y preconceptos de parte de los nuevos señores de esas latitudes que explotaban su mano de obra barata (BENÍTEZ, 2008, p. 265)⁹.

Com isso, nota-se que, vencidos, os paraguaios, além de perderem parte de seu território para os países que formavam a Tríplice Aliança, ainda foram humilhados e explorados.

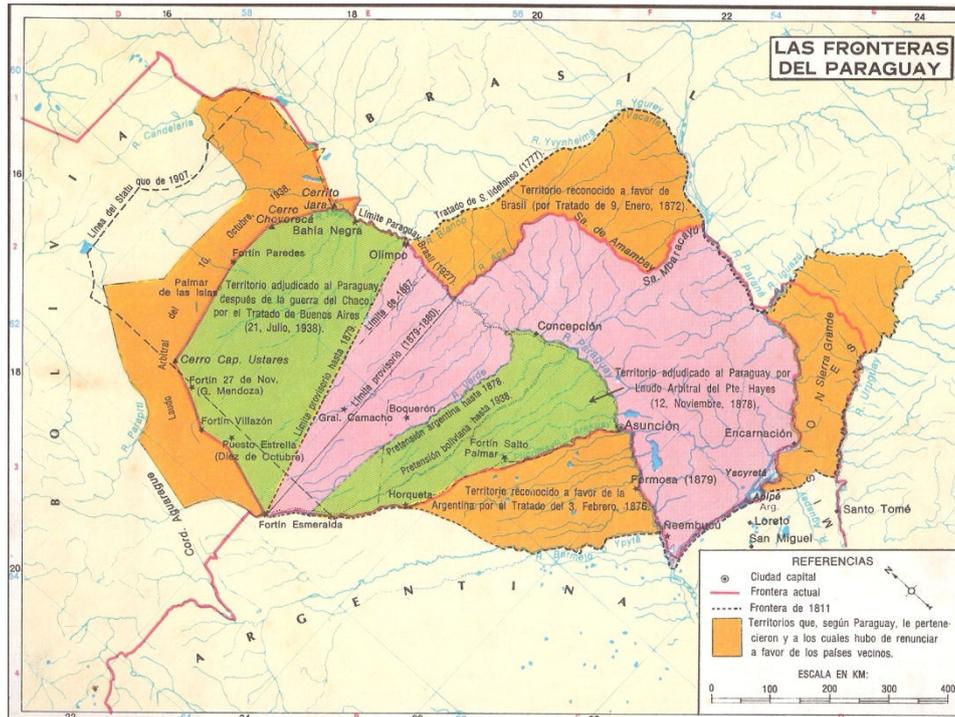
Por sua vez, a localidade, antes denominada *Punta Porã* pertencente ao Paraguai, passou a pertencer ao Brasil e, conseqüentemente, teve o seu nome traduzido para Ponta Porã, um topônimo composto híbrido formado por elementos oriundos de dois estratos linguísticos: o português (Ponta) e o guarani (Porã). Ou seja, a história social dando origem à mudança linguística e, neste caso particular, considerada no topônimo Ponta Porã.

2. História: os mapas ratificando os escritos

Considerando o exposto, e retrocedendo na história, é possível perceber por meio da visualização do Mapa 1, *Divisões do Brasil em Capitânicas Hereditárias*, e do Mapa 2, *Dos limites do Brasil após a Guerra do Paraguai*,

⁸ “... uma vez mais, a astúcia imperial manifestou-se ao intentar apresentar o Arroyo Estrella, afluente da margem esquerda do Rio Apa, como braço principal desse rio, de maneira a utilizar sua linha fluvial, desde sua fonte, como limite do Paraguai e, assim, apoderar-se de mais uma porção de terra de nosso território” (BENÍTEZ, 2008, p. 67).

⁹ “Nos anos pós-guerra, a mobilidade social e as expectativas de melhores condições de vida levaram muitos paraguaios para Mato Grosso. Com a derrota catastrófica, novos limites foram impostos cumprindo o determinado pelo Tratado da Tríplice Aliança, desta maneira muitos conterrâneos iludidos buscaram sobreviver nas terras que pertenciam a seu país e à sombra da bandeira imperial começaram a difícil tarefa de levar civilização para uma área de grandes vazios demográficos, sofrendo humilhações e preconceitos por parte dos novos senhores daquelas latitudes, que exploravam sua mão de obra barata” (BENÍTEZ, 2008, p. 265).



Mapa 3 - Das fronteiras do Paraguai¹²

Fonte:

http://pt.wikipedia.org/wiki/Punta_Por%C3%A3#/media/File:Historia_de_la_frontera_Paraguaya.JPG

Pelo exposto, pode-se considerar que a história social confirma o caso de mudança linguística motivada, de modo particular, por uma guerra travada entre duas nações, cujo resultado permitiu a uma delas, o Brasil, arrebatar parte do território da outra, o Paraguai. Esse fato histórico explica a mudança na língua (tradução) de um topônimo, no caso, *Punta Porã*, PY, um topônimo híbrido (espanhol + guarani) que passou ao registro *Ponta Porã*, BR, também um designativo híbrido (português + guarani). Nota-se que a forma guarani *porã* manteve-se no designativo, valorizando, assim, uma das línguas em situação de contato na fronteira em questão, o guarani.¹³

¹² No Mapa 3, as partes demarcadas na cor laranja são aquelas que pertenciam ao Paraguai e foram perdidas para os países que formavam a “Tríplice Aliança” (Brasil, Argentina e Uruguai), vitoriosa na Guerra do Paraguai (1864-1870).

¹³ Nessa faixa de fronteira há três línguas em situação de contato: português, espanhol e guarani.

Considerações finais

Este estudo deu mostras de que “as mudanças sociais fundamentam-se no contexto histórico e estão correlacionadas às mudanças que ocorrem na língua” (NASCIMENTO, 2011, p. 2). E, ainda, levando-se em conta que o homem busca explicações para as mudanças que se operam na língua, “faz-se necessário que se considere, por conseguinte, a língua não como sistema fechado em si mesmo, mas como uma prática, determinada por fatores sócio-histórico-culturais” (NASCIMENTO, 2011, p. 4). Desse modo, entende-se que essa assertiva ratifica o exposto ao longo deste estudo, considerando-se que o sistema linguístico, apesar de regido por regras internas, ‘abre-se’ e recebe influências relevantes de fatores que determinam a vida do grupo social que faz uso dessa língua. O exame de relatos históricos permitiu a compreensão do processo de mudança linguística ocorrida no topônimo *Punta Porã*, na atualidade, *Ponta Porã*.

Assim, no caso singular deste estudo, pode-se observar um caso de um topônimo sendo linguisticamente alterado (*Punta Porã* → *Ponta Porã*), ou seja, presencia-se uma mudança linguística decorrente do movimento histórico-social que marcou a história de duas nações, numa confirmação de que as mudanças que se operam na língua decorrem não raras vezes de mudanças ocorridas na história do homem.

Referências Bibliográficas

BENÍTEZ, Sacha Aníbal Cardona. ***A la sombra de los perobales***. Historia del poblado de Punta Porã. Génesis de dos ciudades. 1870 – 1902. Paraguai: Imprenta Salesiana, 2008.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. Dimensões da palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, nº 2, 1998, p. 81-18.

CARDERA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho S/A, 2006.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. A historiografia lingüística e a consolidação de seu estatuto científico. In: **Revista Acta**. Vol. 1. Assis: 2011.

RIBEIRO, Patrícia Rafaela Otoni; LACERDA, Patrícia Fabiane Amaral da Cunha. Variação, mudança e não mudança linguística: resignificando o conservadorismo lingüístico no português do Brasil. In: **Revista Linguística**, do Programa de Pós Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol. 9, número 2, dezembro de 2013, p. 91-105.

SILVA NETO, Serafim da. **Capítulos da História da Língua Portuguesa no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Presença, 1986.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s). In: **Revista de Estudos Lingüísticos da Universidade do Porto**. Vol. 3, 2008, p. 39-53.

A Guerra do Paraguai - Texto disponível em <http://www.sohistoria.com.br/ef2/querraparaguai> Acesso em 10/03/2015

Mapa das fronteiras do Paraguai - http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponta_Por%C3%A3#/media/File:Historia_de_la_frontera_Paraguaya.JPG Acesso em 16/03/2015

Mapa das fronteiras do Brasil após a Guerra do Paraguai - <https://www.google.com.br/search?q=mapa+das+fronteiras+do+brasil+apos+a+guerra+do+paraguai> Acesso em 15/04/2015

Mapa do Brasil com as divisões em capitanias - Atribuído a Luís Teixeira, c. 1586 - Lisboa, Biblioteca da Ajuda. <https://www.google.com.br/search?q=mapa+do+brasil+dividido+em+capitanias+hereditarias> Acesso em 15/04/2015

http://www.bussolaescolar.com.br/historia_do_brasil/querra_do_paraguai.htm
Acesso em 30/06/16